

O EXU QUE HABITA EM MIM

VAGNER ÒKÈ

Como a filosofia dos
Orixás pode te ensinar a
descobrir seu potencial
para transformar todas
as áreas da sua vida

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

VAGNER ÒKÈ

O EXU QUE HABITA EM MIM

Como a filosofia dos Orixás
pode te ensinar a descobrir seu potencial
para transformar todas as áreas da sua vida

academia

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Vagner Òkè, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Wélida Muniz

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Marianna Muzzi

Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Capa e ilustração de capa: Breno Loeser

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Òkè, Vagner

O Exu que habita em mim : como a filosofia dos Orixás
pode te ensinar a descobrir seu potencial para
transformar todas as áreas da sua vida / Vagner Òkè. – 1.
ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

224 p.

ISBN: 978-85-422-2883-0

1. Religiões africanas 2. Desenvolvimento pessoal
3. Espiritualidade I. Título

24-4249

CDD 299

Índice para catálogo sistemático:

1. Religiões africanas



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4^o andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

capítulo um

QUEM É EXU?

Um dos mitos da tradição oral iorubá conta que no início da humanidade não existia nada além do ar. Olódùmarè (Olorum) era uma massa infinita desse elemento que, quando uma pequena parte sua foi se movimentando, deu origem a uma massa de água, da qual surgiu Obatalá, o grande Orixá de tudo que é branco. Com isso, ar e água se moveram em conjunto e, após um tempo, uma parte dessas massas se uniu e se transformou em lama.

Dessa mistura, originou-se uma bolha dotada de forma, um rochedo avermelhado e lamacento que chamou a atenção de Olódùmarè, que o admirou e soprou-lhe, dando-lhe vida. Essa forma foi a primeira dotada de existência individual, esse rochedo de laterita era Exu, ou melhor, o proto-Exu. Exu Yangí, que teria sido o primeiro nascido e responsável pela individualização da existência.

Essa história foi contada por Juana Elbein dos Santos no lendário *Nàgô e a morte*² e posiciona Exu como uma figura essencial e indispensável para toda a compreensão da cosmogonia e teologia iorubá. Exu é considerado o princípio dinâmico da existência, e nada nesse mundo funciona sem ele.

Acredito que, assim como eu, você já deve ter feito alguma dessas perguntas: Como Exu surgiu? Qual sua origem? Onde ele nasceu? Quem é ele?

Confesso que demorei muito para internalizar que a cultura africana é plural a ponto de ver uma mesma coisa sob ópticas distintas, algo que é raro em outras culturas. E são essas culturas que, de alguma forma, ditam o modo como devemos pensar em tudo à nossa volta. Por não terem um livro sagrado, as histórias do panteão africano vão sendo transmitidas oralmente e variam de local para local, de família para família, de tradição para tradição, de culto para culto. E não seria diferente com os mitos que envolvem Exu.

Essa história que contei aqui é uma num mar imenso de tantas outras; e, se você me perguntar qual delas faz mais sentido, eu responderei: *todas*. Uma coisa que desenvolvi nessa minha jornada foi a capacidade de entender que a veracidade das informações é óbvia e necessária, mas o que mais me encanta são os ensinamentos que as histórias trazem. *E todas as histórias que envolvem Orixá têm algo produtivo para nos ensinar, até mesmo as mais folclóricas.*

Neste livro, eu me proponho a trazer alguns pontos de vista de escritores e pesquisadores de Candomblé e Isese Lagba de como Exu pode ter surgido, o que deixa tudo ainda mais encantador. Sabe-se muita coisa sobre Exu e, ao mesmo tempo, não se tem certeza de nada. Mas, antes de entrarmos na seara do Exu mítico, vamos entender a importância do mito para a construção do pensamento coletivo e da transformação da sociedade.

A concepção do mito

O mito sempre esteve presente na vida humana. No mundo cristão, nas mitologias grega, egípcia, nórdica e em tantas outras

bolhas, conhecemos várias divindades que representam o bem, o mal, o amor, o prazer, a justiça, a guerra etc. Esses mitos geralmente contam histórias de seres incríveis: deuses, super-heróis, seres encantados... e a ideia é formar um tipo de conhecimento e pensamento em quem os consome.

Através do que nos é contado desde a infância, somos transportados para aquele universo que está sendo narrado, a fim de conhecermos a natureza humana e, conseqüentemente, explicarmos como o mundo funciona. E a cultura de retratar mitologias, principalmente através das artes, segue cada vez mais forte com o passar dos anos.

No Universo Marvel, por exemplo (do qual sou muito fã), foram diversas as mitologias em que eles basearam os quadrinhos e os filmes: nórdica, egípcia, grega, romana, celta, cristã, indiana, eslava e russa, isso para ficar em apenas alguns exemplos. Há Senhores do Inferno e Eternos, e ainda as mitologias criadas pela própria Marvel, como é o caso da Fênix e algumas personagens da famosa saga dos mutantes X-Men.³

O mito está presente em nosso cotidiano principalmente porque foi a forma como encontraram para nos fazer compreender melhor a realidade. Entretanto, os mitos que nos impõem ainda na escola são, em grande maioria, brancos e eurocentrados, o que se torna um problema.

A cultura grega, em especial, desenhou os rumos dos nossos pensamentos por ter sido a única voz que perpetuou uma tradição no pensamento ocidental. Por isso é fundamental abordar outras mitologias para entendermos o mundo sob outra óptica, uma mais próxima de nós, principalmente por causa de nossa ancestralidade.

O Candomblé, assim como as mais variadas religiões de matriz africana que existem no Brasil, tem sua mitologia baseada

nos Orixás que, conforme vemos, são os elementos da natureza. *Grosso modo*, no Candomblé são cultuados dezesseis Orixás, mas em África existem mais de quatrocentos! Por aí você nota a complexidade e pluralidade do culto a Orixás em todo o mundo.

Entendendo que o mito age como um profundo convite ao autoconhecimento, Joseph Campbell nos adverte de que “cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida”.⁴ E cita que o mito tem quatro funções, sendo a quarta o modo como as outras três se relacionam.

1. **Função mística:** é a que abre o mundo para os mistérios. Sem ela, não há mitologia. Como exemplo, temos a mitologia egípcia, muito estudada até hoje, por ser recheada de mistérios.
2. **Função cosmológica:** é aqui que entra a ciência nos mostrando a forma do universo, e faz isso de um jeito que o mistério continua se mostrando. A mitologia que conta como o fogo surgiu tem caráter científico, e, ainda assim, é envolta em mistérios. A Ciência, diz Campbell, explica “como a coisa funciona, mas não o que ela é”.
3. **Função sociológica:** é quando recebe suporte e validação da ordem social. É quando há variação dos mitos dependendo do lugar em que são contados. Os mitos da monogamia e da poligamia, por exemplo, agradam aos adeptos de tal modo de vida.

No cotidiano brasileiro, a mitologia dos Orixás tem uma grande força substancial, a qual a academia pouco conhece e, como consequência, pouco propaga. Isso ocorre porque, além de a literatura africana ser pouco difundida no Brasil, ainda

existe um forte estigma em torno do negro e das religiões de matrizes africanas. O que a sociedade sabe, *grosso modo*, é que existe um universo dentro dos terreiros, e que ele une comidas, bordados, danças, musicalidade e hibridismo cultural – essa é a estética que geralmente povoa o imaginário do povo brasileiro.

A literatura afro-brasileira, que consequentemente abraça a mitologia dos Orixás e as culturas *iorubá*, *fon*, Angola e *jeje*,** é pouco explorada no campo das letras. É necessário que tenhamos mais produções que narrem os mitos dos Orixás, *nkisis* e *voduns*, e elas devem ser propagadas nas escolas e nas instituições.

Reconhecer o imaginário afro é um traço fundamental para a compreensão da identidade, da narrativa que temos de nós mesmos e para refletirmos sobre nossa própria cultura. Apesar de termos aprendido a enxergar o mundo através do olhar grego, Exu e todos os outros mitos afro-brasileiros precisam ganhar a cena e ser colocados no palco da nossa cultura.

No Candomblé, bem como no Isese Lagba, acreditamos que nada na vida acontece sem Exu. Por quê? Porque Exu representa o movimento, a união e a multiplicidade de tudo que habita em cada um de nós. Exu é muitos em um só: criança, empreendedor, político, rebelde, criativo, sexual e espiritual.

A complexidade mitológica, filosófica e teológica de Exu nos faz questionar como é possível reunir tantas características essenciais e trágicas em uma mesma existência. Sim, porque Exu existe, e está em cada um de nós. É ele quem dá sentido às coisas. Partindo dessa ideia, Correia⁵ nos traz uma visão com a qual simpatizo muito:

** Fon, Angola e Jeje são povos africanos que tiveram seus cultos disseminados no Brasil.

A literatura yorubá enraíza-se na encruzilhada do imaginário e faz desse lugar, o “entre lugar” do pensamento. É na encruzilhada que o pensamento se potencializa e se fortalece. [...] Daí fortalece o imaginário e o poder que existe na figura de Exu, como arte – afro-brasileira da – diferença por excelência, pois é causador da desordem e porta-voz dos fluxos desejantes. Exu é a erótica da vida. Instaura aí uma ética e uma estética da multiplicidade, da individualização e do devir. Exu é a diferença por ser, o imaginário coletivo e individual.

Exu mítico

Como já vimos, Olódùmarè e Obàtálá estavam no Òrún (céu) criando o ser humano e, então, deram vida a Exu, que acabou ficando mais forte que os próprios criadores. E ele foi viver com Obàtálá, que o fez seu representante para lidar com todas as demandas a ele confiadas. Exu passou a ser uma espécie de porta-voz de Obàtálá. E agora vou te contar o resto da história que foi contada para mim através de um sacerdote muito querido (vou chamá-lo aqui de Sekin), mas que muitos outros estudiosos de cultura iorubá também disseminam.⁶

Aconteceu que Òrúnmìlà-Ifá, com o desejo de ter um filho, foi pedir um a Obàtálá, e o Orixá do branco lhe disse que naquele momento não era possível, que Òrúnmìlà-Ifá voltasse outra hora e seu desejo seria atendido. Òrúnmìlà-Ifá insistiu com Obàtálá para atendê-lo naquele momento. Foi quando perguntou por aquele que estava à porta da casa. “É aquele que eu quero”, disse.

Obàtálá disse que aquele que estava à porta não era alguém que pudesse ser criado normalmente no Àiyé, na Terra, pois ele

tinha uma fome implacável e poderia causar problemas. Depois de Òrúnmìlà-Ifá insistir muito, Obàtálá acabou cedendo, disse que ele tocasse em Exu e voltasse ao Àiyé para ter relações com sua esposa Yebìirú, que conceberia um filho. E assim Òrúnmìlà-Ifá o fez.

Doze meses se passaram, e Òrúnmìlà-Ifá e a esposa tiveram um filho. Obàtálá havia dito a Òrúnmìlà-Ifá que a criança seria *Alágbàrà*, ou seja, “o senhor do poder”, e o casal decidiu chamá-lo de Elegbara.

E assim que seu nome foi pronunciado, o próprio Exu respondeu: “*Iyá, Iyá Ng o je Eku*” (Mãe, Mãe, eu quero comer preás).

A mãe logo procurou atender seu pedido. Foi quando Òrúnmìlà-Ifá trouxe todos os preás que encontrou. Exu comeu tudo. No dia seguinte, Exu pediu para comer peixes. E lhe foram levados todos os da cidade, aos quais ele devorou. No terceiro dia, pediu para comer aves. E comeu todas as espécies existentes.

Yebìirú, sua mãe, cantava todos os dias os versos: “*Mo r’omo ná. A ji logba aso. Omo màà*” (Visto que consegui ter um filho. O que acorda e usa duzentas. Filho, continue a comer.).

No quarto dia, Exu disse que queria comer carne. Òrúnmìlà-Ifá levou diversos animais de quatro patas para alimentar Exu: cachorros, porcos, cabras, ovelhas, touros, cavalos, bodes etc. Exu continuava com fome. Então, no quinto dia, Exu disse: “*Iyá, Iyá! Ng ó je ó!*” (Mãe, mãe, quero comer você!).

Isso mesmo! A fome de Exu era tão grande que, em um ato de canibalismo, ele quis comer a própria mãe. Por se tratar do primeiro filho e por sentir um amor incondicional por ele, Yebìirú repetiu a sua canção: “Filho come, come, filho come” e, assim, Exu engoliu a própria mãe.

Òrúnmìlà-Ifá ficou arrasado com o ocorrido e foi até os babalaôs, que lhe orientaram a fazer a oferenda de uma espada,

um bode e 14 mil *cauris* (búzios). Òrúnmìlà-Ifá a fez. No sexto dia, Exu virou para Òrúnmìlà-Ifá e disse: “*Bàbá, Bàbá! Ng ó je ó!*” (Pai, pai, eu quero comer você!).

Òrúnmìlà-Ifá cantou a mesma canção que a mãe de Exu cantava e, quando ele se aproximou, Òrúnmìlà-Ifá puxou a espada e foi para cima de Exu. O menino correu e, desde então, Òrúnmìlà-Ifá passou a persegui-lo com o intuito de matá-lo.

Exu, então, percorreu os nove Òrúns fugindo, porém Òrúnmìlà-Ifá sempre conseguia pegá-lo. Cada vez que o apanhava, ele sacava a espada e cortava Exu em duzentos pedaços que se transformavam em duzentos Yangí, ou seja, duzentos pedaços de laterita. Cada vez que Òrúnmìlà-Ifá cortava Exu, o que restava dele se erguia e continuava fugindo.

No último Òrún, depois de ter sido retalhado, Exu propôs um pacto a Òrúnmìlà-Ifá: ele não seria mais perseguido, todos os Yangí seriam seus representantes e Òrúnmìlà-Ifá poderia consultá-los sempre que necessário e enviá-los a executar os trabalhos que ele lhes ordenasse, como se fossem seus verdadeiros filhos. Exu lhe assegurou que seria ele mesmo quem responderia por meio dos Yangí cada vez que o chamasse. Desde então, a pedra Yangí passou a ser a maior representação de Exu no Àiyé.

Na língua iorubá, Exu significa “esfera”. É o princípio natural de tudo; é o início, o ponto de partida, o nascimento, a força de criação. O equilíbrio negativo do universo, sem dar, neste caso, a conotação de maldade. Exu é o primeiro passo, a célula inicial de geração da vida. É o ser “ser”, aquele que gera o infinito, o primogênito, Senhor dos caminhos, das ruas, aquele que dá passagem.⁷

Partindo da ideia de que temos, de um lado, o Exu mítico que é narrado em inúmeros contos e, do outro, o Exu imaginário que vive em nossa individualidade – e ambos são um só –, é correto afirmar que falar de Exu significa questionar e abrir encruzilhadas subjetivas em nossa mente para que possamos pensar no princípio dinâmico da vida a partir de nós mesmos. Exu é plural, contestável e consonante. A ele tudo cabe.

Essa dinâmica individual de Exu é fundamental não só para entender a complexidade do sistema iorubá, mas também a complexidade de nós mesmos, seres humanos. Exu é o único que tem o poder de gerar a si mesmo e gerar o outro. Ele nunca começa nem termina nada, pois é sempre o caminho, a ponte, a ligação. Exu é a pedra que veio da lama, mas molda tudo o que há, tudo o que existe.

Exu imaginário

A ideia do “Exu imaginário” chegou até mim depois que percebi que várias pessoas – macumbeiras ou não – o veem de modo diferente. A forma como eu vejo Exu não é a mesma forma que você o vê; pode até ser parecida, mas cada um de nós, individualmente, o enxerga de um jeito.

Vou dar um exemplo prático. Ao ouvir a história de que Exu comeu a própria mãe, por exemplo, algumas pessoas podem achar que ele é terrível, e outras entender ser normal, uma vez que a fome dele era implacável e talvez essa fosse a única saída. Qual desses Exu existe de fato? Os dois. Porque cada um de nós o enxerga de forma diferente.

Por mais que conheçamos todos os mitos que contam quem ele é, cada um terá suas próprias interpretações simplesmente pelo fato de que Exu não consegue ser definido, muito menos classificado.

Foi a partir dessa inquietação que passei a perceber que, além desse Exu mítico que todos nós conhecemos por meio dos *itans* (as histórias contadas pelos nossos mais velhos) e de pesquisas sérias feitas por inúmeros estudiosos, *existe um Exu imaginário que habita em cada um de nós*.

Para entender um pouco mais de onde vem esse imaginário, recorri à psicanálise lacaniana. Essa vertente traz uma explicação lógica para todos vermos Exu de formas distintas. Lacan propôs que o imaginário é um dos três registros da experiência humana, sendo os outros dois o simbolismo e o real.⁸ O imaginário é desenvolvido a partir do pressuposto de que o ser humano se aproxima da sua natureza instintual, a nossa parte animal.⁹

O ser humano evoluiu para o *Homo sapiens* quando começou a pensar em sua relação com a imagem. A partir disso, nos traz Favero:¹⁰

Lacan evolui a noção de imaginário para o imaginário da linguagem, ou seja, nossa ilusão. Essa nossa alienação de que existe uma compreensão. De que o que eu falo vem da minha cabeça, passa pela minha linguagem é decodificado pelo meu interlocutor, que entende ou não o que eu digo em função de certos problemas ou padrões de comunicação. Então essa expectativa de entendimento, essa expectativa de completamento entre um e outro, compreende o campo do que Lacan chama de imaginário. [...] O imaginário da linguagem é o campo da alienação, é o campo das identificações, é o campo em que nós falamos a partir do nosso ego, essa instância de desconhecimento, essa instância paranoica, essa instância de projeção.

E aí partimos para o conceito de assimetria no qual o mundo do outro é o mesmo que o nosso, mas ao mesmo tempo não o é. É nessa assimetria, o ver a mesma coisa por outro ângulo, que se abre espaço para o imaginário, para a angústia da percepção do diferente.¹¹

É desta forma que as pessoas, no geral, decodificam Exu: de acordo com aquilo com que se identificam. A gente vê Exu exatamente como se vê. E esse “se ver” é resultado de uma série de fatores: ancestralidade, a maneira como fomos criados, como vivemos, nosso estilo de vida, nossas experiências etc. Por isso eu digo e repito: conhecer a si mesmo é conhecer Exu. Conhecer Exu é conhecer a si mesmo.

O Diabo como imaginário de Exu

A sinopse da obra *Exu não é Diabo*¹² traz uma reflexão que organizou boa parte dos meus pensamentos e escrita: “No fundo, a grande maioria das pessoas não sabe nem quem é Exu e muito menos quem é ou o que é ‘Diabo’”. Essa frase fez muito sentido pra mim, porque meu Exu imaginário me faz acreditar que essas pessoas, de fato, não praticam autoconhecimento e, por isso, não sabem quem é um ou o outro. Parafraseando Cumino: as pessoas criaram um Diabo imaginário e, a partir disso, um inferno particular.

Analisando essa situação sob a lupa de Lacan, constatamos que cada pessoa, de forma consciente ou inconsciente, cria seu “diabo imaginário”, e esse diabo é a união de todas as suas sombras. Quando essas pessoas que têm o mesmo imaginário do Diabo se juntam e compartilham vivências, esse diabo passa a existir. Ele sai do campo do símbolo e do imaginário e passa a ser real.

E eu não quero entrar no mérito de que o “diabo imaginário” de determinado grupo de pessoas transformou Exu no capiroto.

Mas, inicialmente, nas nossas reflexões, muitas vezes não consideramos essa parte nossa, essa sombra do nosso eu mais profundo, e vamos criando uma dissociação. Criamos um outro eu e nos demonizamos, acreditando piamente que existe alguém ou algo, nesse caso o capiroto, nos influenciando a fazer más escolhas e a agir contra nós mesmos.

Observe que, todos os dias, pastores expulsam “demônios”, e os mesmos demônios voltam todos os dias para serem expulsos. *Mas, pera, eles foram expulsos mesmo?* A real é que eles nunca foram embora, nem vão, justamente porque a cultura judaico-cristã enxerga as sombras como parte inseparável do ser. Esse mecanismo, na prática, funciona assim: quanto mais expulsamos nossa sombra, mais ela cresce, e isso só nos fará travar guerras cada vez maiores.

Por isso que Exu (que no imaginário dessas pessoas é o Diabo) tornou-se uma pedra no sapato de muitos religiosos que estão fora das religiões de matrizes africanas. Essas pessoas acreditam mesmo que estão travando uma batalha mortal na terra contra as forças do mal que perturbam o tempo inteiro. Mas, na verdade, o inimigo delas são elas mesmas.

Uma pequena digressão: às vezes, fico pensando que a pessoa precisa ter uma autoestima absurda para acreditar que forças malignas estão contra ela (concorda?). Você acha mesmo que, com chefes de Estado poderosíssimos e líderes globais, o “Diabo” se ocuparia com alguém que não consegue influenciar nem a própria família? Que Diabo mequetrefe é esse? Não consigo imaginar Exu com um pensamento tão medíocre assim! Enfim, saindo da digressão...

Escritos de viajantes e missionários que estiveram em território *Fon* e *Iorubá* entre os séculos 18 e 19 narraram Exu com

“olhos cristãos” quando o apontaram como uma entidade sexualizada e demoníaca. É importante chamar a atenção para o fato de que esses visitantes que lá estiveram eram pessoas que viviam em sociedades de cultura cristã.

Um dos primeiros escritos que se referem a Exu em sua persona diabólica foi feito pelo pastor Thomas Bowen. Ele descreveu Exu da seguinte forma: “Na língua iorubá o diabo é denominado Exu, aquele que foi enviado outra vez, nome que vem de sujo, jogar fora, e Elegbara, o poderoso, nome devido ao seu grande poder sobre as pessoas”.¹³

Em 1884, foi publicado o livro *Fétichisme et Féticheurs*, escrito por um padre católico chamado R. P. Baudin, integrante das Missões Africanas de Lyon e missionário na Costa dos Escravos. No livro, Baudin enriqueceu de detalhes o que viu em território iorubá, e, de fato, seu escrito foi o primeiro a retratar sistematicamente a religião desse povo. Até hoje, a obra permanece sendo uma fonte essencial de pesquisa até mesmo para pesquisadores mais contemporâneos.¹⁴

Porém, como foi escrito por um padre numa perspectiva cristã do século 19, as percepções sobre Exu são destroçadoras. E o pior, essas imagens perpetuam o imaginário popular que até hoje circula pelo Brasil, inclusive o da maioria do próprio “povo de santo” que cultua Exu.

No livro, Baudin não faz, por escrito, referência às características diabólicas de Exu, mas há um fato bastante interessante em uma gravura que lá está, uma interpretação que ele tem acerca de Exu. É uma imagem de um homem sacrificando uma ave para Exu, que é representado por uma imagem guardada em uma espécie de casinha que fica na porta da casa. A legenda da ilustração diz: “Elegbá, o malvado espírito ou o demônio”.